

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANTHONY MOREIRA MARQUES COLARES

SENTIDOS DO HERÓI ÉPICO PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO

Bagé

2023

ANTHONY MOREIRA MARQUES COLARES

SENTIDOS DO HERÓI ÉPICO PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros

**Bagé
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C683s Colares, Anthony Moreira Marques
SENTIDOS DO HERÓI ÉPICO PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO /
Anthony Moreira Marques Colares.
48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2023.

"Orientação: Lucia Maria Britto Correa ".

1. Literatura ocidental. 2. Eneias. 3. Herói . I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ANTHONY MOREIRA MARQUES COLARES

SENTIDOS DO HERÓI ÉPICO PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 08 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Lúcia Maria Brito Correa

Orientadora

(Unipampa)

Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros

Coorientadora

(Unipampa)

Prof. Dr. João Pedro Rodrigues Santos
(Rede Municipal de Bagé)

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **VERA LUCIA CARDOSO MEDEIROS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **João Pedro Rodrigues Santos, Usuário Externo**, em 10/02/2023, às 18:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1054353** e o código CRC **F3F509B6**.

Referência: Processo nº 23100.002963/2023-10 SEI nº 1054353

AGRADECIMENTOS

À minha família, em geral, que me proporcionou chegar aonde me encontro hoje e sempre me deu todo apoio de que eu precisei para enfrentar todas as adversidades que se apresentaram em minha jornada, especialmente no período de graduação.

À professora Lúcia Maria Correa Brito, minha mestra com quem pude dividir tantas experiências e impressões literárias que me encaminharam até o trabalho que vos apresento. Espero que esteja se recuperando tranquilamente e que em breve possa voltar a iluminar tão excelentemente a percepção dos alunos do curso de Letras, com a paixão pelo mundo da literatura que ela transmite tão sinceramente.

A meu pai, Valdenir Rodrigues Colares, que continua sendo meu herói e o homem que mais admiro. Ao homem que nunca hesitou em expressar seu amor por mim. Obrigado, pai, te ter ao meu lado me faz sentir mais forte para enfrentar todas as dificuldades que a vida humana apresenta para mim.

À minha mãe, Sônia Adriana Moreira Marques, que me mostrou o mundo que mais amo, o mundo da literatura. A ela que sempre foi rigorosa e amorosa simultaneamente, agradeço pelos teus esforços e tua postura de mãe. Se não fosse por ela, minhas conquistas ainda seriam apenas sonhos. Obrigado por me ensinar a sempre sonhar.

Às minhas irmãs, que me criaram mesmo tendo a mesma idade, minhas eternas almas gêmeas. Ter nascido ao lado de vocês me traz muito orgulho, e mais ainda em ver as mulheres incríveis que se tornaram.

Aos meus *pets* Bolotão, Capitu e Pipoca, que sempre me alegraram apenas por existirem.

Às professoras deste curso que me ajudaram a descobrir minha paixão e meu cerne, que possam continuar contribuindo de variadas formas na jornada de inúmeros alunos, assim como contribuíram tão ricamente na minha.

Aos meus amigos, que me proporcionaram momentos felizes e risadas nos momentos mais sombrios.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso especialmente a uma pessoa que perdi durante minha formação. Minha estimada avó, Julieta Rodrigues Colares. Tu, que arduamente trabalhaste a vida toda, que foste acometida tão cruelmente pelas dores do corpo e da alma com a perda do teu amor, meu igualmente estimado avô, Osmar Dias Collares.

Tu, minha querida vó, que agora repousa ao lado de teu amado, que possas ver agora o primeiro homem da família Colares finalizando sua caminhada no ensino superior. Que tu e meu avô saibam que seus padecimentos não foram em vão, espero sempre conseguir cumprir as expectativas que tiveram em relação a mim.

Que saibam que cada conquista que tive e terei nos próximos anos de minha vida está destinada a vocês, que sempre amei e guardarei em minha memória da forma mais terna. Te amo, minha avó. Te amo, meu avô.

Não cede à adversidade, mas marcha audaz contra ela.

Virgílio, em *Eneida*, I a.C.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, cujo título é “Sentidos do herói épico para o leitor contemporâneo”, tem-se por objetivo analisar os elementos constituintes do conceito de herói, sua construção progressiva e seu significado instaurado dentro da contemporaneidade, tudo isto sendo desenvolvido a partir do estudo da personagem Eneias, no poema épico *Eneida*, do poeta latino Virgílio (I a.C.). Através da obra e do estudo de diversos teóricos do campo da literatura, pretende-se refletir sobre o significado da presença do herói e sobre sua importância tanto como elemento literário, mas também como um conceito pertencente a toda cultura ocidental, e o papel que ele desenvolve dentro da mesma. Dessa forma, observa-se a pertinência dos aspectos constituintes a partir da perspectiva de seu período de produção e também de uma ótica contemporânea. Buscar-se-á analisar a significância dos valores para o período em que estão representados e de que forma estes valores se mantêm na conjuntura literária atual. Pretendeu-se, no decorrer de toda pesquisa, dissertar sobre a construção e papel desempenhado sobre a categoria de herói, com perspectiva teórica que se inicia em Aristóteles e vai até Kothe, observando sua posição de relevância dentro da obra e sua contribuição para materializar um dos conceitos mais presentes dentro do campo artístico-cultural moderno, o herói. Ao fim, terminou-se por considerar como estas relevâncias se materializam na vida do leitor contemporâneo e de que forma ainda se mostram importantes chaves de leitura que levam a reflexão sobre o contexto em que estão inseridas.

Palavras-chaves: Eneias; literatura ocidental; herói.

RESUMEN

En este trabajo de conclusión de curso que trae el título “Sentidos del héroe épico para el lector contemporáneo”, cuyo objetivo es analizar los elementos constitutivos del concepto de héroe, su construcción progresiva y su significado establecido dentro de la contemporaneidad, todo ello desarrollado a partir del estudio del personaje Eneas, en el poema épico Eneida, del poeta latino Virgilio I a.C. A través de la obra y del estudio de varios teóricos del campo de la literatura, se pretende reflexionar sobre el significado de la presencia del héroe y sobre su importancia, tanto como elemento literario para el lector, como concepto propio de toda la cultura occidental, y el papel que desarrolla dentro de ella. Así, observando la pertinencia de los aspectos constituyentes desde la perspectiva de su época de producción y también desde una mirada contemporánea. Se buscará analizar los significados de los valores para la época en la que se representan y cómo estos valores se mantienen en el contexto literario actual. De esta forma, se pretendió, a lo largo de la investigación, discutir sobre la construcción y el papel llevado a cabo por este concepto, con la perspectiva teórica que parte desde Aristóteles y va hasta Kothe, observando su posición de relevancia dentro de la obra y como tal contribuyó a materializar uno de los conceptos más presentes dentro del campo artístico-cultural moderno, lo héroe. Al final, terminó considerando cómo estas relevancias se materializan en la vida del lector contemporáneo y cómo aún muestran importantes claves de lectura que llevan a la reflexión sobre el contexto en el que se insertan.

Palabras-clave: Eneidas; Literatura occidental; Héroe;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O HERÓI: PRINCIPAIS FUNDAMENTOS.....	16
3	ENEIAS: ASPECTOS DO HERÓI LATINO, O QUE FOI HERDADO E O QUE FOI MUDADO.....	25
3.1	A representação do herói a partir de Eneias de Virgílio.....	27
3.2	O objetivo social do herói representado por Eneias.....	34
4	CONSIDERAÇÕES SOBRE O HERÓI E A JORNADA DO LEITOR CONTEMPORÂNEO.....	38
4.1	Ao que concerne o papel do herói como personagem na perspectiva literária.....	38
4.2	O que a literatura tenta nos dizer.....	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, empenhou-se em realizar o estudo do conceito de herói, em especial o épico, a partir da ótica da literatura. Estudou-se mais especificamente qual a importância deste elemento narrativo na obra literária *Eneida*, de Virgílio, 1 a.C. o seu valor cultural e artístico, buscando entender até mesmo como ele se insere na história social da humanidade e o motivo de sua permanência dentro e fora da literatura.

A pesquisa buscou uma abordagem que observará o tipo de herói épico encontrado dentro da *Eneida*, para que se possa, após isto, ponderar sobre o interesse do leitor contemporâneo por esse tipo de personagem a partir da perspectiva adquirida durante o estudo desenvolvido na pesquisa. Trataremos do conceito de herói dentro dos gêneros literários, especificamente o épico, buscando elucidar sobre os aspectos que em algum momento vieram a ser considerados heroicos, observando, assim, quais se mantiveram até os dias atuais e como eles mostram-se relevantes para o leitor contemporâneo e sua jornada dentro da literatura canônica.

Considera-se que esta pesquisa traz consigo a oportunidade de refletir como o conceito de herói se instaurou na sociedade ocidental desde os tempos mais remotos e como o mesmo se desenvolveu e se apresenta dentro da contemporaneidade. Contemporaneidade esta que usufrui largamente deste conceito no mundo do entretenimento, do mercado e da cultura, uma vez que se faz presente frequentemente na vida humana desde os primeiros anos de desenvolvimento pessoal, já que os heróis são os primeiros elementos culturais na área do entretenimento a serem apresentados às crianças e jovens. Naturalmente que as representações de heróis são apenas uma pequena área da totalidade que compõem o ambiente literário clássico e até mesmo o moderno, ainda assim, se mostra uma importante chave de oportunidade de estudo da literatura, em especial do gênero épico, principalmente por se tratar de um aspecto artístico que é muito bem aproveitado pelos aparelhos de cultura, tanto no cinema como na televisão, estando hoje bem mais à disposição das pessoas de todas as classes sociais. Ainda que os heróis sejam apresentados, atualmente por uma literatura mais contemporânea, de massa¹ e também a partir das histórias em quadrinhos, são hoje bem distantes dos heróis épicos

¹ O conceito de literatura de massa, apresenta-se em suma como aquela literatura que é produto da indústria cultural que ambiciona uma literatura que agrade a todos os públicos, que é feito especificamente para o deleite dos seus consumidores, sem um objetivo maior do que o lucro a partir deste.

como Eneias. Ainda assim, não se pode deixar de enfatizar que estes meios se inspiram diretamente na cultura literária clássica, dessa forma, sendo uma porta de entrada para que os neoleitores e apreciadores da cultura contemporânea possam adentrar no futuro, o mesmo aplica-se para o herói na literatura épica, sendo o campo da literatura épica provavelmente o primeiro campo literário em que este conceito foi abordado em forma narrativa.

O trabalho delimita-se num breve estudo do conceito do herói, principalmente fazendo uma análise desta ideia presente desde a antiguidade, nos interessando analisar que os aspectos de herói que estão presentes em Eneias e quais deles são aqueles que o colocam como um personagem responsável para com sua posição de governante e líder, de homem que põe a necessidade dos outros acima de seus desejos, que é piedoso e justo em suas ações e decisões. Este é o tipo de herói que nos interessa analisar nesta pesquisa, pois tudo isso, por mais específico que possa ser da personagem de Eneias, ainda afirma que presença da ideia do herói continua sendo um elemento significativamente presente na cultura ocidental do século XXI.

Como buscou-se estudar a importância do herói, para literatura, para os sujeitos sociais e as sociedades em que se inserem, Eneias pareceu uma boa escolha de herói da antiguidade para estudar conceitos tão profundos e que tem o potencial de mostrar a força da literatura dentro do imaginário humano, uma vez que essa ideia permaneceu em todas as sociedades modernas, de uma forma ou de outra, sua influência é quase infindável, e para conduzir este processo, não é qualquer obra que tem tal potencial. Como cita Bloom (2010, p. 20) “O fardo da influência tem de ser carregado, se se quer atingir e reatingir a originalidade dentro da riqueza da tradição literária ocidental.”

Para analisar este conceito tão antigo das narrativas, faremos através de uma pesquisa de caráter bibliográfico que irá se valer da interpretação de textos literários e da Teoria da Literatura. Com isso, iremos buscar a presença do conceito de herói a partir das formas mais antigas do gênero narrativo, os poemas épicos, conhecidas, dentro do campo da literatura, pelo nome de epopeias. Analisaremos a epopeia latina escrita no século I a.C. pelo escritor Virgílio, intitulada *Eneida*. Através desta narrativa, iremos acompanhar a trajetória de Eneias e observar como reproduz o padrão de herói da época em que foi escrito, nos apoiando em teóricos canônicos da literatura, desde Aristóteles até Kothe e Todorov.

Para o conceito de herói, tão benquisto aos jovens leitores da literatura contemporânea, é apenas contemplando estas obras tão antigas e ainda vivas nos livros que são escritos e lidos todos os dias, que se entende de onde vem estes aspectos que hoje lhes cativam tanto, sendo a influência, provavelmente, o maior deles. Isso também é defendido em *O Cânoce Ocidental*, por Bloom (2010, p. 20) “influência é ao mesmo tempo uma categoria tropológica, uma figura que determina a tradição poética e um complexo de relações psíquicas, históricas e imagísticas...a influência descreve as relações entre textos, é um fenômeno intertextual...”

O fator da influência pode ser percebido em sendo um leitor assíduo, mas também no texto desenvolvido por Kothe especificamente sobre este elemento.

As narrativas são sistemas cujas dominantes têm sido algum tipo de herói. Na dominante está a chave do sistema. Um sistema é um conjunto de elementos coerentes entre si e distintos do seu meio. A dominante é o seu princípio de organização, é o governo do sistema.... (KOTHE, 2006, p. 7)

Para estes fins, iremos utilizar abordagens que partem da teoria tanto dos autores já citados na Introdução, como também faremos uso de referencial bibliográfico dos seguintes autores: Carpeaux (1978), Calvino (2007), Candido (2014), D’Onofrio (2006), Staiger (1975) etc.

Tendo tais referências citadas, a pesquisa divide-se em três capítulos de desenvolvimento do tema e das análises, além deste de introdução e de outro dedicado para as Considerações Finais. No segundo capítulo, discorreremos sobre o significado literário do termo herói e seu funcionamento nas narrativas abordadas a partir das perspectivas dos teóricos já citados. O terceiro capítulo faz análise específica sobre o herói épico Eneias, dentro do poema épico *Eneida*, no qual ele é protagonista. Nele analisaremos as ações da personagem no decorrer da obra e refletiremos a adequação da personagem ao conceito de herói da época em que a obra foi escrita, conjuntamente com uma análise a partir de uma ótica contemporânea. O quarto capítulo irá tratar sobre a importância do conceito de herói para o campo da literatura e sobre seus significados para o leitor contemporâneo e suas possibilidades de gerar efeitos catárticos que contribuem com o processo de reconhecimento e reflexão, tanto olhando numa perspectiva de vida coletiva, quanto individual.

Tendo descrito o funcionamento de cada capítulo desta pesquisa, podemos passar ao primeiro.

2 O HERÓI: PRINCIPAIS FUNDAMENTOS

O conceito de herói acompanha a jornada da humanidade desde os tempos antigos, quando as primeiras grandes obras estavam sendo recitadas e pintadas em vasos e outros objetos. Este conceito vem se popularizando de forma massiva com o passar dos séculos, primeiro pela literatura em formas mais tradicionais – os livros -, depois outras formas mais populares – como histórias em quadrinhos. No século XX, o cinema e a televisão colocaram esse elemento mais facilmente à disposição do público, especialmente dos jovens. Desde seu princípio, mostrou-se um conceito que veio a objetificar-se e ser tratado como algo digno de adoração de praticamente toda sociedade ocidental, algumas com uma imagem específica deste ser, outras mais gerais.

Tal conceito, não se restringe ao campo da literatura ou a um único campo em específico; seu funcionamento dentro das obras fora tão bem aceito por praticamente todas as culturas e sociedades, que não hesitam em usar tal palavra como um adjetivo positivo, tanto para exemplificar feitos dentro dos textos, quanto fora dos mesmos, ainda que o primeiros registros que temos do uso deste conceito seja através de confrontos históricos, levando a um cunho mais agressivo, o que nos distancia um pouco do herói que o leitor contemporâneo está acostumado. No campo da literatura, a presença dos heróis remonta à literatura épica, que os representou de forma lapidada e bela. Os autores da poesia clássica ocidental da Antiguidade cultivaram o costume de engrandecer as personagens e seus feitos, enfeitando-os com uma altivez e nobreza que poucos humanos poderiam alcançar, de tal forma que poderiam ser comparados com seres divinos. Com o tempo e o desenvolvimento das sociedades e conseqüentemente das narrativas, perdeu-se a crença na possibilidade de existirem seres humanos tão perfeitos e idealizados, o conceito de herói passou por alterações e outras categorias foram criadas para representar os seres humanos, suas formas de atuação, bem como a maneira como a sociedade percebe isso, levando até mesmo a uma representação quase que contrária à de herói, como o anti-herói, por exemplo.

Naturalmente, os aspectos que o constituem já eram presentes em personagens literárias, antes mesmo de se pensar na palavra anti-herói. Ainda assim, mesmo que a literatura seja uma área que se inspira nos fatores externos, tal processo, mesmo inscrito baseado em literatura de ficção e fantasia, mostra que as personagens trazem grandes

representações do mundo em que se inserem, e que não são desenvolvidos apenas para agregar no valor estético da obra, eles estão ali inseridos porque, de alguma forma, seus aspectos estão presentes no campo da convivência humana. Sua representação dentro da literatura não se apresenta por valor estético, embora contribua para o desenvolver, mas sim pelo motivo de que de alguma forma, a presença deste conceito dentro de alguma obra ajuda a construir uma interpretação de sua totalidade ou do contexto da própria obra e de sua própria produção.

A delimitação do campo da beletrística pelo caráter ficcional ou imaginário tem a vantagem de basear-se em momentos de ‘lógica literária’, que, na maioria dos casos, podem ser verificados com certo rigor, sem que seja necessário recorrer a certas valorizações estéticas. (ROSENFELD, 2014, p. 13)

Também é possível ver o uso do termo herói dentro da história em geral, no caso de mártires sociais e políticos, sujeitos que se arriscaram em prol do que consideravam um bem maior, seres que assim como os literários, eram considerados como de caráter mais elevado que os demais, que não se detinham perante o medo e lutavam contra injustiças, o que tornou suas vidas bem perturbadas, sofrendo torturas, prisões e censura em vários níveis.

Deve-se enfatizar que o que sabemos destes heróis históricos foram suas narrativas vitoriosas, cantadas e escritas por pessoas que foram incitadas de várias formas a engrandecerem esses feitos e idealizarem suas vidas, suas posições como heróis foram construídas não por uma pessoa que registrou suas ações, mas por toda uma sociedade que os via pelos ideais que estes buscavam representar, e apenas isto, como se não pudessem estar em momento algum sob influência de suas emoções ou erros humanos que qualquer um comete.

O conceito que estudamos aqui, o herói épico, se popularizou primeiro na literatura e é bem diferente do de herói moderno. Como estamos tratando do herói da antiguidade, precisamos observá-lo com base nos conceitos que o elevariam de um personagem ou sujeito até a posição de herói. Como o gênero literário narrativo na antiguidade estava, basicamente, restrito à poesia épica, seus protagonistas correspondiam, quase sempre, a algum tipo de herói, elemento que, na perspectiva aristotélica, refere-se a personagens de caráter elevado, uma vez que os personagens de caráter inferior estavam ligados apenas à comédia, que pertencia ao gênero dramático.

Nas palavras de Aristóteles (2017, p. 47), “[...] as personagens seguem quase sempre esses únicos tipos, pois é pelo vício e pela virtude que se diferenciam todos os caracteres”.

Para trabalhar o conceito de herói, partimos dos próprios mitos greco-romanos, especialmente os presentes nas epopeias, pois, além de ser a poesia épica a antecessora do gênero narrativo e seus demais desdobramentos - romances, novelas, contos etc. -, é ela o primeiro gênero literário a representar detalhadamente as personagens. Considerando as personagens elementos indispensáveis para a construção de uma narrativa, esse enfoque detalhado das mesmas recai sobre os protagonistas, e se mostra um traço estilístico das obras de gênero épico.

As apresentações padrão das personagens dentro de suas narrativas épicas já introduzem as aventuras e infortúnios enfrentados pela personagem. Falamos, assim, dos primeiros versos, introduzidos por formas do tipo “*Canta, ó musa...*”, em que o poeta chama as musas da poesia que irão auxiliá-lo numa narrativa rica e bela da personagem. Testemunhamos isso desde Homero até Camões, o que nos ajuda a reforçar o padrão do enfoque na identidade do herói protagonista dentro da epopeia. Esse aspecto já é bem reforçado nos *Conceitos fundamentais da poética*, de Staiger (1975, p. 81): “No épico, acentua-se justamente a identidade.”

Apenas deve-se observar que o termo identidade usado por Staiger não está associado à questão individual da personagem de Eneias, mas à representação que ele detém das ideias que ele carrega consigo em sua jornada e que irão auxiliar a montar o imaginário do conceito de herói e até do povo que um dia irá se tornar o grande império romano.

Considerando que desenvolvemos um estudo a partir de um herói presente em epopeias, se faz de suma importância entender quais são as origens da arte poética e de que forma elas estão presentes na personagem de Eneias. No entanto, primeiro é necessário identificar alguns aspectos que podem nos ajudar no aprofundamento da análise, estes aspectos conversam não apenas com a *Poética* de Aristóteles, mas com as histórias que construíram as obras que o autor grego usa para exemplificar, especificamente, as epopeias homéricas.

O herói épico foge completamente da ideia de super-heróis que temos na contemporaneidade, seja na literatura escrita como nas várias formas da indústria cultural no geral. Estamos falando de heróis de guerras da antiguidade, de homens com

ascendências ditas divinas. No contexto épico, estes heróis devem ser ferozes guerreiros, homens de grande inteligência e habilidade na guerra.

O que podemos atribuir a personagem Eneias, a partir de uma visão aristotélica, é que se trata também de um herói, não apenas por todos seus aspectos, que iremos analisar, mas especialmente por se encontrar numa epopeia, sendo este o gênero em que se representam os personagens de caráter elevado, na visão de Aristóteles (ARISTÓTELES, 2017, p. 69). A análise deste caráter elevado se aplica não apenas aos aspectos citados da personagem durante a *Eneida*, mas às ações e acontecimentos enfrentados por ele no decorrer da narrativa é que introduzem os reais aspectos que de fato o classificam como herói. Sendo ele suscetível a enfrentar situações de sorte e também de grande infortúnio, todas estas são decorrentes de seu caráter, não estando necessariamente ligadas ao merecimento, mas à necessidade de enfrentá-las para exercer de fato o papel de herói na história que se conta.

Partindo-se desse pressuposto, é possível que haja perguntas como: o herói nasce a partir de suas escolhas? Ou como se porta diante de um infortúnio? Como podemos chamar homens como Aquiles e até mesmo Ulisses de heróis, já que muitos de seus feitos são bem questionáveis a partir das perspectivas ética e moral modernas? Neste ponto, retornamos ao que foi afirmado um pouco acima, devemos analisar tais aspectos com a ótica da época em que as obras foram escritas e, se o fizermos com a visão moderna, devemos sempre enfatizar quais são os juízos de valor usados.

Até mesmo os heróis representados na poesia latina, mais tarde, seriam descritos com características diferentes dos homéricos. Aquiles é um guerreiro feroz e implacável, Ulisses é orgulhoso e ardiloso, mas ambos tomam diversas atitudes negativas que poderiam facilmente os desvencilhar da categoria de heróis. Diferente deles, Eneias não as toma com frequência e, quando toma, o objetivo dele não é pessoal e dialoga diretamente com sua posição de governante, aliado etc. Ou seja, mesmo entre gregos e romanos há diferenças na construção dos heróis épicos que são explicadas pelas características do período em que as obras surgiram.

Para que fique mais clara a ligação destes heróis com o caráter elevado que Aristóteles lhes atribui, precisa-se enfatizar que o guerreiro que tirava mais vidas, que poupava seus companheiros através da guerra, que fazia uso da mesma para beneficiar

seu povo, mesmo que isso não fosse a causa, mas a própria consequência de suas ações, era sim considerado de caráter elevado, e, justamente por estas razões citadas acima, estes eram os heróis, os protagonistas de epopeias, homens que deixavam seu povo um passo mais perto da vitória ou da conquista de algo que desejassem, não importava os meios que usassem para alcançar tais objetivos.

Em suma, para os gregos e romanos antigos, os guerreiros eram seus heróis, como Aristóteles volta a afirmar diversas vezes dentro de seu texto. Por consequência disto, se estes eram os heróis, e a literatura de gênero épico trazia como suas personagens seres de caráter elevado, estes heróis, seus feitos eram que os elevavam a esta posição tão alta, porque eram combatentes excelentes e tinham atributos que a maioria dos homens não tinham: eram implacáveis em batalha, ardilosos em estratégias, líderes natos; os melhores entre milhares de homens.

Tendo este conhecimento sobre os heróis épicos, podemos ligar a pequena citação de Staiger, que fizemos na página anterior, com o entendimento de Kothe sobre o funcionamento que o papel do herói tem no sistema social em que está inserido, seja este sistema representado dentro da obra literária ou do próprio contexto em que ela foi produzida.

Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. Rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras. Nenhuma obra literária consegue ser a totalidade, mas o percurso do herói pelo alto e pelo baixo pode ser um índice de totalização, uma totalidade indiciada. (KOTHE, 2006, p. 8)

No entanto, devemos também pensar na perspectiva aristotélica de herói, que não estava somente ligada aos heróis das epopeias homéricas, mas também aos heróis trágicos, por razões bem diferentes dos anteriores. Estes não necessariamente eram guerreiros, mas homens que, através de uma série de fatores indicados como elementos que compõem as tragédias gregas, são elevados à posição de herói. Diferente dos heróis do gênero épico, que têm sua jornada rumo à conquista e à vitória, os heróis trágicos têm seu caráter elevado forjado através da sua própria queda, como o caso de Édipo, que reconhece sua jornada trágica e escolhe se exilar em detrimento disto, feito que o eleva à categoria de herói, mas trágico, que difere bastante do épico.

O herói épico pode tomar ações negativas sem perder sua posição, já na tragédia, uma atitude destas não deixará de ser considerada ruim, e o herói perderá sua posição. Ou

seja, uma atitude negativa tomada por um herói épico, seja homérico ou qualquer outro, irá ser narrada como uma atitude positiva, pois ela será importante para a caminhada de ascensão da personagem, já que para ele só importará conquistar algum objetivo, independente do que motiva esta atitude.

Ainda que passe por grandes dificuldades e provações, e ainda que venha a constituir boa parte de sua grandeza através de uma série de ‘baixezas’ (matar, mentir, tripudiar cadáveres, enganar e mentir), a narrativa épica clássica, adotando o ponto de vista do herói, trata de metamorfosear a negatividade em positividade, e o herói épico tem, por isso, um percurso fundamentalmente mais pelo elevado do que o herói trágico, cujo percurso é o da queda. Mas a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as ‘baixezas’ do herói épico é o que o elevam. (KOTHE, 2006, p. 13)

Neste percurso, também devemos entender que o herói, na perspectiva de Homero, não é o mesmo que o de Virgílio não só pela diferença do contexto social em que se encontravam, mas porque as circunstâncias de suas produções eram bem diferentes.

Na obra de Virgílio, Eneias se encaixa como herói não apenas pelos aspectos que o constroem, mas pelo intuito que o poeta teve de escrever a jornada da própria personagem. Como a *Eneida* foi um texto escrito sob encomenda do imperador romano Augusto, conseguimos compreender que há alguns objetivos por trás deste pedido que vão além de querer reafirmar seu desejo como imperador. É interessante de observar que na obra, a busca de Virgílio é, justamente, idealizar a história romana desde os seus primórdios até aquele momento (CARPEAUX, 1978, p. 88), pois um herói, no contexto da antiguidade, não era apenas símbolo de excelência, também era a representação de todo um povo a que ele daria início. Eneias tornou-se uma lenda porque deu início ao povo a que foi destinada a obra, virou um dos símbolos mais importantes de Roma durante praticamente toda sua existência como império antigo. Virgílio tinha um objetivo, e a representação de Eneias era a forma de alcançá-lo, que era, em suma, desenvolver uma tradição romana de exaltação da sua própria história. Nas palavras de Carpeaux (1978, p. 90): “A tarefa de inventar uma tradição oficial do Império Augustano inspirou ao poeta uma utopia das virtudes políticas dos romanos, quase já uma política cristã.”

Carpeaux (1978, p.90) também nos ajuda a entender que, embora Virgílio tenha sido muito mal visto pelo objetivo que tentou alcançar, pois o mundo fora da idealização

ainda era repleto de misérias e sofrimento, o que resultou numa pesada crítica dos indivíduos sobre o trabalho que ele fez, através da representação de Eneias, ainda que estes sujeitos que criticaram seu trabalho não tivessem entendido que seu objetivo era justamente, a partir da obra e da representação do seu herói, não reproduzir a realidade pouco prospera que vivia, mas através de sua obra idealizar um mundo em que estas angústias sociais não existissem, sobretudo sendo esse povo governado por um líder justo e altruísta. Isso faz parte do artista, inventar um mundo ideal e superior ao que ele vive, e materializar essa idealização no próprio herói épico, que é quem pode alcançar este mundo melhor para seu povo. Foi através desta representação heroica que ele buscou o processo de resistência contra as dificuldades enfrentadas no seu tempo. Basicamente, a ideia central de sua obra é a utopia.

A intenção de Virgílio não era apenas escrever sobre um herói épico, mas sobre o modelo ideal do mesmo. Na obra, Eneias é justo, piedoso, destemido, tem um grande comprometimento com seu povo e os coloca em primeiro lugar, mesmo nas decisões que são difíceis de tomar perante as penúrias mais torturantes que ele passa para restabelecer seu povo. São estes aspectos da personagem, convergindo para seu comprometimento como governante, que o tornam um modelo de herói para o povo romano. Tudo isto agindo conjuntamente com a altivez da personagem, com seu caráter elevado e com seu pertencimento a linhagem divina.

Podemos considerar que obras como *Eneida* e o modelo de herói que ela exalta se canonizaram pelo seu grande valor cultural e até mesmo estilístico, nisso a maioria dos clássicos da literatura se assemelha e podemos dizer que exercem um grande papel no processo do funcionamento cultural e até mesmo social no contexto em que estão inseridas. Este movimento de influência se dá conjuntamente com todas as obras canônicas.

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 2007, p. 10).

O papel que os clássicos como *Eneida* desempenharam nas sociedades anteriores foram tão singulares e significativos, dentro e fora de sua comunidade de origem, que continuam ecoando até nos textos modernos, mais de mil e novecentos anos depois. Da

mesma forma, é natural que a própria obra seja fruto deste eco, que nada mais é que o processo de influência cultural em curso na história da literatura, e que o próprio conceito de herói tenha ficado marcado por personagens icônicos como Aquiles, Odisseu, etc., que fazem parte das primeiras narrativas canônicas e vieram a influenciar muitos dos grandes autores após seu tempo, como Dante Alighieri, Luís de Camões e até mesmo John Milton. Todos estes contribuíram significativamente para a construção do que se imagina como um herói hoje e tiveram seu imaginário muito bem fertilizado pelas escritas dos poetas gregos e latinos.

Essas contribuições ficaram demarcadas de formas tanto sutis quanto mais explícitas, uma vez que alguns textos buscam fazer citações específicas e outros apenas se inspiram no que os anteriores a ele desenvolveram. Nisso podemos conceber os clássicos da literatura como uma fonte inesgotável de formas para se buscar compreender qualquer conceito, independente do gênero literário, seu estilo ou o tema da história, todos podem colaborar de alguma forma para esclarecer o que é um herói, ou, até mesmo, o que não é. Independente disso, os clássicos como *Eneida* mantêm seu valor para qualquer estudo do funcionamento humano a partir da literatura e são um caminho impossível de não se trilhar para compreender melhor qualquer aspecto humano, mostrando-se assim, também fonte quase infinita criada e mantida a partir da vida humana.

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 2007, p. 11).

Exposta a natureza das artes literárias como capazes de representar um processo humano histórico que influencia diretamente na cultura e na própria história, consideramos também que o mesmo processo reflete diretamente na vida humana, sendo assim, devemos prosseguir tendo consciência de que o texto *Eneida* desempenha igual papel que seus predecessores e até mesmo sucessores materializaram na vida humana.

Cientes disto, podemos considerar que os aspectos que definem o herói estão baseados nas mais variadas ações humanas no decorrer dos séculos e também nas idealizações daquilo que o ser humano moderno admira intensamente, mas que muitas vezes encara como algo impossível de se concretizar, sejam quais forem os motivos que

usam para justificar um comportamento relapso e complacente com as injustiças e violências que testemunham em cada dia de suas vidas.

Agora que elucidamos alguns aspectos gerais da categoria do herói épico que são significativos para esta pesquisa, e, por consequência, sua influência na cultura ocidental, buscando mostrar caracteres elevados e superiores daqueles que os detêm, iremos analisar conceitos específicos pertencentes ao herói de Virgílio.

3 ENEIAS: ASPECTOS ESPECÍFICOS DO HERÓI ÉPICO LATINO

Nesta seção, analisamos *Eneida* em variados aspectos. Trataremos de seu contexto sócio-histórico de produção, uma vez que este contribuiu diretamente na representação da personagem Eneias dentro da narrativa, o que veio a solidificar a ideia de herói e posteriormente difundi-la. Também iremos analisar trechos da obra e estudá-los a partir da teoria desenvolvida por Kothe a respeito do herói para observar o que se encaixa e o que não mais se enquadra nos aspectos abordados por ele.

Antes que possamos passar diretamente para as questões relacionadas ao conceito que move a pesquisa, faremos uma breve síntese da *Eneida*. Ressaltando, então, alguns pontos muito relevantes da *Eneida*, de Virgílio, escrita no século I a.C., uma importante obra que muito contribui para a ideia que temos do herói épico e que ajudou até mesmo a construir o que entendemos hoje do mesmo, mas que ultrapassa as fronteiras da literatura.

Como se pode pressupor, *Eneida* narra a trajetória de Eneias, um dos mais famosos comandantes do exército troiano na guerra contra os gregos, que se estima que tenha ocorrido entre o século XII e XI a.C. O príncipe dos dardânios se vê líder do grupo de sobreviventes e, guiado pela sua mãe, Vênus, busca a terra que um dia dará início ao grande império romano, em jornada de conquistas que lhe trará muitas glórias e, principalmente, garantirá a preservação de seu povo.

Semelhante à *Odisseia*, de Homero, estima-se que escrito entre IX e VII a.C., os primeiros seis cantos de *Eneida* contam o percurso marítimo da frota sobrevivente, focando principalmente nos obstáculos enfrentados pelo seu líder, que, mediante várias perdas, se mostra extremamente resiliente no que se refere ao zelo para com o seu povo e sua família. Eneias se mostra um líder e homem sensível às adversidades sofridas pelo seu povo. Tal valor é ressaltado através da comoção que ele demonstra nos cantos iniciais, quando relembra momentos da guerra perdida e de acontecimentos posteriores, mas de valor emocional semelhante, como a morte do pai, por quem tinha enorme carinho e devoção.

O texto inicia descrevendo o longo período em navegação e o estabelecimento temporário do seu povo em Cartago, onde ele e seu povo são calorosamente acolhidos

pela rainha Dido, que, assim como ele, também havia vivido uma tragédia em sua vida a algum tempo atrás. Durante sua jornada ele é perseguido pela deusa greco-romana Juno, esposa de Júpiter e uma das principais divindades do lado grego na guerra. Ela, mesmo após a derrota troiana, ainda se mantinha muito rancorosa com toda Troia, pois a sua disputa pela maçã dourada de Eris, que indicaria a mais bela das deusas, fora perdida para Vênus, deusa do amor, que, na mitologia, ofereceu a Páris a mulher mais bela do mundo, se ele a escolhesse para entregar a maçã, estaria decidido qual deusa sairia vencedora da disputa. Páris escolheu Vênus, que resultou na guerra em questão, após levar para Troia a esposa de Menelau, Helena.

Juno jamais aceitou sua derrota e, embora não lhe fosse permitida a aniquilação total de todo povo troiano, ela ordenou que a Fúria de nome Alecto, uma criatura monstruosa da mitologia romana, obstruísse ao máximo a jornada de Eneias, pois, se estava impedida de concretizar sua vingança através do extermínio do povo sobrevivente, iria, ao menos, atrasar seu caminho rumo à glória que já lhe havia sido reservado.

Em grande parte de sua jornada é auxiliado pela sua mãe, Vênus, deusa do amor e da beleza, que estivera ao seu lado em quase todos os momentos cruciais, e tem um carinho tão grande por seu filho que quase sempre interfere de alguma forma nos planos de Juno.

Também tem Eneias que lidar contra diversas criaturas mitológicas, como a Fúria Alecto, já mencionada, e também as famosas Harpias. Até mesmo o ciclope Polifemo, enfrentado por Ulisses na *Odisseia*, acaba deparando-se com Eneias e o que restou dos troianos. Eneias também se depara com o canal marítimo onde residem Cila e Caríbdis, mas que, apesar do grande perigo que habita neste trecho, logrou passar sem perdas. Eneias também se vê obrigado a visitar o submundo, com o intuito de receber orientações sobre seu retorno e sobre a profecia que há da fundação da cidade que um dia irá dar início ao grande império romano.

A segunda parte da narrativa se dá dos cantos VII até o XII. Eneias, recém chegado à península itálica, encontra uma grande dificuldade em se estabelecer na terra que seria sua, pois lá Eneias é prometido em casamento à princesa Lavínia, que já havia sido pedida em casamento pelo rei Turno, um monarca da região e principal antagonista do herói romano a partir da segunda metade da obra. Após rei Latino oferecer Lavínia em casamento para Eneias, Turno age em represália e inicia uma guerra com Eneias, que se

estende pelos cantos finais da obra, que termina com o triunfo de Eneias sobre seus adversários, embora não sem perdas.

Agora que fizemos um breve resumo da obra, iremos fazer um breve estudo sobre o conceito de herói e do seu funcionamento na poesia épica. Para este fim, nos basearemos mais especificamente em Aristóteles e Kothe, a fim de trabalhar detalhadamente cada um destes dois pontos e estudar como eles se relacionam na obra de Virgílio.

3.1 O herói épico a partir de Eneias, de Virgílio

Kothe (2006, p. 6) afirma que as narrativas, no geral, tendem a ser sistemas cujas dominantes apresentam algum tipo de herói, seja de caráter elevado ou baixo. Partindo disto, procurar o herói dentro da *Eneida* não se mostra uma tarefa difícil, uma vez que Aristóteles defende as epopeias como pertencente aos gêneros em que seus protagonistas detêm sempre um caráter elevado em relação aos demais personagens (ARISTÓTELES, 2017, p. 69).

Kothe (2006, p.12) também defenderá que, dentro das narrativas épicas, uma vez que a personagem seja chamada de herói no decorrer de seu texto, já se pode então considerá-lo de caráter elevado. Tal ocorre porque, diferente do herói trágico, a jornada do herói épico é a da ascensão, uma vez que ele passa pelo baixo até findar no alto (KOTHE, 2006, p.13).

Isso já se pode identificar nos primeiros cantos da *Eneida*, quando se contempla o lar de Eneias e seus companheiros completamente destruído, e eles são forçados a fugir às pressas para salvar suas próprias vidas. Naturalmente que a ascensão de fato da personagem só se concretiza no final da obra, quando ele triunfa sobre a grande última adversidade em seu caminho para a vitória e estabelecimento permanente de seu povo.

A narrativa da personagem Eneias conta com inúmeros momentos importantes e, diferentemente de Aquiles e Ulisses, ele se mostra um governante responsável e compreensivo quanto às necessidades de seu povo, o que faz com que o bem-estar deste sempre pese de forma bem relevante nas decisões tomadas por ele. Isso por si só mostra a singularidade de sua personagem, pois vivia numa época em que o povo deveria sempre obedecer a seu governante, independente de suas próprias insatisfações. Eneias mostra-

se além destas convenções e respeita com muita nobreza seu povo na maior parte do tempo. Tais situações se apresentam em momentos decisivos, mas também se fazem presentes em momentos em que é necessário o encorajamento que só um líder pode oferecer.

Ó companheiros!', lhes fala; "trabalhos mais árduos do que estes já suportastes! Deus há de pôr fim a tão grandes canseiras. Vós os atroantes escolhidos de Cila enfrentar já soubestes e o seu furor desmedido; escapastes também dos ciclopes antros sem dano maior. Criai ânimo; o pálido medo deixai de lado. Tudo isso há de ser recordado algum dia. Por entre casos variados, perigos sem conta, avançamos na direção prometida do Lácio, onde os Fados nos mostram o ambicionado descanso nos reinos futuros de Troia. Voltai a ser o que sois, e aguardai um futuro risonho. (VIRGÍLIO, 2016, p. 89).

Uma das qualidades que mais ressaltam na personalidade dessa personagem é sua piedade, que, naquele momento da história humana, se mostrava algo extremamente incomum, era quase que uma característica única dele. Sobre essa situação, podemos apontar que foi um dos aspectos que se encaixou perfeitamente na representação de sujeito elevado, já que, embora o rancor, a raiva e a vingança sejam emoções naturais dos personagens e até dos seres humanos no geral, a piedade mostra-se um nível maior de desapego a estas emoções que beiram a bestialidade e que, como podemos testemunhar dentro da literatura, raramente terminam de forma positiva.

Essa piedade manifesta-se pela primeira vez, na narrativa, quando eles aportam na ilha que é morada dos ciclopes, a mesma ilha visitada por Ulisses anteriormente em *Odisseia*, do grego Homero. Lá estando, Eneias depara-se com um homem maltrapilho e de péssima aparência, logo descobre que este era soldado grego, abandonado naquela ilha pelo próprio Ulisses. Ao ver a esquadra troiana, ele se dirige, não sem hesitar, até Eneias, príncipe dardânio, e pede abrigo, sendo verdadeiro sobre sua nacionalidade e causa de estar ali. A súplica impactou de tal forma o governante, que este não pode deixar de acolher o grego depois de ouvir as seguintes palavras:

Por todos os astros, pelas deidades celestes e este ar que nós todos anima, teucros, tirai-me daqui e levai-me para onde quiserdes. Isso me basta. Não nego que fui marinheiro da armada grega, na justa marcial contra os sacros Penates de Troia. Se vos parece tão grande o meu crime, dos meus companheiros, jogai meu corpo, depois de picado, no abismo insondável. Dar-me-ei por pago se vier a morrer pela ação de outros homens'. Assim falando, rolava no chão, abraçava-me os joelhos, como no solo encravado. (VIRGÍLIO, 2017, p. 237).

Outro ponto que ressalta a excelência de Eneias está no respeito e na obediência aos deuses e seus desejos. Esta é uma das características que demonstra as diferenças entre o poema épico latino e o grego, em que Aquiles, desrespeita os deuses e as convenções da sua própria sociedade, arrastando o corpo chacinado de Heitor ao redor da cidade de Troia, no intuito de mutilá-lo. Essa irreverência e desafio é ainda mais forte na trajetória do próprio Ulisses, que até mesmo confronta os deuses, como fez com a deusa Circe e até mesmo Poseidon, o que gera boa parte das adversidades enfrentadas pelo rei grego. Tal comportamento não se repete com a personagem de Eneias, que se mostra um ouvinte e seguidor assíduo da vontade divina e atende a todas estas exigências destes, ainda que contrariado, pois tais situações são dolorosos sacrifícios que ele faz em prol das exigências divinas e do futuro de seu próprio povo. Isto acontece mais de uma vez, porém, a considerada mais emocionante pela maioria dos teóricos da literatura clássica é a separação que ele se vê forçado a empenhar da Rainha Dido, governante de Cartago e que vem a se apaixonar perdidamente por ele durante sua estadia, que só não se tornou permanente por conta da visita de Mercúrio a Eneias, que vem, a mando dos deuses, ordená-lo a seguir viagem e cumprir seu destino.

A sensibilidade de Eneias não é pouca em relação às perdas que ele foi obrigado a presenciar em sua jornada. Isso pode-se notar desde o início, ao fim do primeiro canto, quando, ao chegar a Cartago, deparam-se com um templo destinado a adorar Júpiter, que tem pintado em suas paredes a recém terminada guerra de Troia. Contemplar tais cenas e reviver os padecimentos que o líder dardânio viveu, o faz derramar lágrimas, sensibilizado pelos companheiros e familiares que perdeu. Nenhum outro grande herói da antiguidade demonstrou respeito e consideração maior do que Eneias em relação a seus compatriotas, pelo contrário, não pareciam dar a mínima importância para os companheiros perdidos na guerra. O herói troiano cede às lágrimas quando percebe uma pintura retratando a morte de Heitor e a profanação de seu corpo, que fora arrastado em volta de Troia. “Geme o caudilho troiano do fundo do peito dorido, ao perceber os espólios, o carro, o cadáver do amigo.” (VIRGÍLIO, 2017, p. 111)

Tal comportamento sensível e humano acompanha o herói quase que em todos os cantos, na morte de sua esposa Creusa, logo no primeiro momento da narrativa, após o falecimento de seu pai, Anquises; ao ter que deixar a amante Dido; e posteriormente ao

descobrir seu suicídio como consequência disto. Frente aos sofrimentos dos demais, se mostra sempre disposto a resolvê-los da forma mais breve possível e evidencia a nobreza de seu caráter. Também podemos perceber a complacência dele com parte do seu povo quando as mulheres, incitadas por Juno, demonstrando grande exaustão das viagens, conspiraram contra o objetivo de seu líder, ateando fogo nas próprias naus. Ao perceber tal acontecimento, pede auxílio divino, e é atendido por Júpiter, que faz desabar uma forte chuva, ainda que isso não impeça a destruição de quatro das embarcações. Ao invés de se mostrar irado ou vingativo com tal acontecimento, ele se abala com o sofrimento que levava seu povo a tomar extremas atitudes. Chega ele mesmo a cogitar a possibilidade de deter-se na Sicília, sem cumprir as ordens superiores. No entanto, é aconselhado por um adivinho a conciliar os desejos de seu povo e permitir que os de idade avançada e mulheres exaustas possam ali fundar uma cidade e permanecer nela, contanto que sob o reinado de Acestes. Inspirados apenas pelas promessas de glória futura, pedem suplicantes a Eneias que lhes deixe ficar na Sicília, onde, naquele momento, encontravam-se acampados, homenageando a Anquises através de jogos esportivos, já que fazia exatamente um ano da morte do pai do herói.

É através destes momentos de compaixão vivenciados por ele, que podemos ver a construção de sua personalidade heroica, pois, após cair em epicidade, que é o tornar-se épico de forma efetiva dentro do texto, que inicialmente era o elemento mais nítido de sua personagem, tende ele a crescer em sua “humanidade” e, por consequência, cair nas simpatias do próprio leitor (KOTHE, 2006, p. 14).

Talvez estes gestos não pareçam grandes elementos motivadores da construção de um herói clássico, mas precisamos recordar que a pertinência da análise de tal conceito só é de fato exercida se dialoga de acordo com os valores da sociedade e do tempo em que fora produzida, uma vez que todas as obras da literatura clássica também são construídas a partir de determinadas perspectivas sociais (KOTHE, 2006, p.16).

Compreender este funcionamento social é essencial para alçar a compreensão de por que Eneias é um herói, quais evidências provam a elevação de seu caráter em relação ao comportamento social de um governante da época. A compaixão, a sensibilidade, o comprometimento da personagem para com aqueles que dele dependem são provas de um amor abrangente materializado pelo herói em diversos níveis, tanto emocional como

físico. Tais elementos ressaltados constituem uma presença positiva na narrativa, a do próprio amor, que é inerente ao relacionamento entre seres humanos desde o princípio de sua existência. A teoria sobre o funcionamento da vida humana (Nascimento - Alimentação - Sono - Amor - Morte) na perspectiva literária é apresentada por Forster em *Aspectos do Romance*, pois, sendo a literatura uma materialização da vida humana, até mesmo epopeias detêm aspectos que estão presentes nesse processo, ainda que eles estejam mais presentes nos romances. Conseguir localizar os traços que evidenciam a presença de tal aspecto dentro da narrativa de Eneias é essencial para classificá-lo como herói, principalmente levando em consideração a facilidade com a qual tais sinais resultantes do amor vêm a se materializar dentro do texto. Naturalmente, o amor que Forster aborda aqui não está limitado ao mero amor romântico, mas sim a todos os sentimentos que nascem e se desenvolvem a partir deste, valores como a própria paixão, sensibilidade e piedade, que são os principais argumentos na defesa da posição do mesmo como um herói épico. Sabendo disso, é extremamente importante entender que este amor descrito por Forster ocupa um espaço muito maior e significativo dentro das narrativas (FORSTER, 1969, p.40).

Agora que se discorreu sobre o funcionamento da personagem e como seus atributos lhe encaixam de forma adequada no título de herói, podemos dar por finalizada a parte de sua jornada que se assemelha à de Ulisses, pois, tendo chegado à costa italiana, ele, assim como Ulisses, desce ao submundo para poder se informar a respeito do futuro e das provações que lhe aguardam. O canto VII da entrada à segunda metade da narrativa, que agora se assemelha mais com a *Iliada* do que com a *Odisseia*, pois é focada na guerra travada contra Turno, rei dos rútuos e líder da coligação dos povos itálicos, um governante local que disputa a mão da princesa Lavínia, filha única do rei Latino, num embate bélico com o governante troiano. A ação de Turno mostra-se mais como represália do que como uma disputa de fato, já que o próprio Latino oferece a mão de Lavínia a Eneias, pois já havia sido profetizado para ele que o governante estrangeiro traria grandes glórias para sua linhagem.

Durante os primeiros cantos dessa metade, podemos ver a alta consideração que os aliados recentes de Eneias têm por ele, e a confiança que destinam ao mesmo para liderar seus exércitos contra Turno, que também oprimia os governos de Evandro e

Tarconte. No entanto, o ápice de sua participação na guerra é motivado pela morte de Palante, filho de Evandro, morto pela mão do próprio Turno, que se vangloria e despoja o cadáver do aliado de Eneias. Aqui, encontramos uma situação que se assemelha à que Aquiles vivencia em *A Ilíada* com a morte de Pátroclo. No entanto, a fúria e sede de vingança não se dá pela ira da perda pessoal, mas sim por não conseguir defender o filho de seu aliado, que confiou a vida de seu filho ao governante troiano e que agora o tem chacinado pelo líder dos inimigos. Sua raiva e frustração vem muito mais de seu fracasso como aliado, do que por uma sede cega de vingança alimentada pela perda de um companheiro querido.

É importante ressaltar que um líder bélico precisa manter postura firme e de respeito, não só para com seus inimigos, mas também para com seus compatriotas, uma vez que seu comportamento pode influenciar diretamente no desempenho do exército em batalha. Dessa forma, nem mesmo um herói como Eneias, cujo caráter se mostra extremamente bondoso, foge das convenções sociais e do comportamento exigido dele na época vivida. Então, assim como Aquiles, ele assassina impiedosamente alguns prisioneiros inimigos bem em frente ao exército de Turno, da mesma forma que Aquiles fez frente às muralhas de Troia enquanto desafiava Heitor para um embate pessoal em vingança pela morte de Pátroclo. Tal acontecimento ajuda-nos a encaminhar para a finalização da definição do herói clássico, pois mostra que Eneias, através de sua compaixão e piedade, possui um alto nível de nobreza e excelência, o que não fora visto no campo literário até aquele momento, mas que serão aspectos comumente presentes e quase indispensáveis nas figuras de heróis que o sucederam. Entretanto, também se torna necessário para um herói épico da poesia romana, ser forte e implacável em combate, honroso com suas dívidas e alianças, assumindo deveres para com seus aliados, sendo que esses deveres devem se sobrepor aos valores pessoais da personagem, uma vez que o herói precisa zelar pela honra de seus aliados, não podendo salvá-los, mas sendo, no mínimo, obrigado a vingá-los, como vem a acontecer com Eneias. Ele demonstra um forte senso de justiça e comprometimento para com seus aliados, e mantém estes valores acima dos pessoais, até mesmo da própria piedade que já vimos anteriormente. Tal processo é materializado nos últimos versos da obra, que narram a morte de Turno.

Súplice, então, e humilhado, ele as mãos estendeu para Eneias: ‘Nada te peço’, falou; ‘faze como entenderes; venceste. Mas, se te move o respeito às desgraças de um pai sem ventura como também foi Anquises há muito, de Dauno te apiades, da sua triste velhice, sem outro consolo na vida. Aos meus devolve-me agora; o cadáver ao menos, mais nada. Venceste, sim, e os ausônio me viram as mãos estender-te, súplice e humilde. Lavínia pertence-te; é tua. Não queiras levar avante tanto ódio’. Deteve-se Eneias um pouco; os olhos volve para o alto; a direita reprime, indeciso. E já se achava algum tanto abalado com aquelas palavras do morituro guerreiro. Mas nisso conteve-se. No alto do ombro fugiu o talim conhecido, do jovem Palante, bem como o cinto bordado que Turno lhe havia tirado, quando acabou de matá-lo, no chão, já vencido e indefeso. Nem bem Eneias a vista posaram naqueles despojos, ocasião de tormento indizível, explode em terrível acusação: ‘Como? Falas em vivo escapar, quando vejo que te enfeitaste com as armas dos meus? Quem te imola é Palante, pelo meu braço. Palante! E em teu sangue se banha execrável’ Assim falando, enterrou sua espada no peito de Turno, sempre ardoroso. Desata-lhe os membros o frio da morte. (VIRGÍLIO, 2017, p. 867)

Com este último trecho, conseguimos consumir o exercício de mostrar Eneias como um herói épico, que, embora esteja de acordo com os aspectos determinados tanto por Kothe como por Aristóteles, o narrador esclarece em seu texto que, mesmo um personagem de caráter elevado, não só se motiva pelas emoções que o levam a tomar atitudes muitas vezes impiedosas, mas que também dialogam com suas obrigações sociais, afinal, por ser soberano de uma nação, ainda que em início de estabelecimento, está preso, até mesmo na antiguidade, a uma série de convenções que também já eram representadas naquela época através da literatura. No caso deste trecho acima, sua obrigação era vingar o aliado que esteve ao seu lado e perdeu o filho na guerra travada por causa dos acontecimentos que sucederam a chegada de Eneias.

Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, política, social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, demoníacos, grotescos ou luminosos. (ROSENFELD, 2014, p. 45)

Conseguimos entender através da narrativa que Eneias é um herói coletivo, pois suas atitudes respondem as suas obrigações para com seu povo e com suas obrigações como governante. Não apenas isto, ele também é um herói comprometido com a história do povo romano, conseguimos observar isso quando ele se obstina a cumprir seu papel

como governante e líder bélico, pois no livro oito da *Eneida* ele pode ver todo o processo futuro da fundação de Roma e das glórias alcançadas durante isto. Eneias não é apenas comprometido com seus deveres políticos e sociais para com o seu povo, mas também com o próprio conceito de historicidade, pois se inclina a cumprir o que a história lhe mostra, independente do que se apresente como obstáculo. Dessa forma, compreendemos que Eneias não representa qualquer tipo de herói, mas um herói histórico, justamente porque representa todas as conquistas de seu povo, por isso ele se mostra um personagem sem ambições individuais, é um homem elevado mais que os demais heróis representados na poesia épica porque ignora sua individualidade e até quando parece que toma atitudes movidas pela emoção, há diversas justificativas históricas e sociais para as mesmas.

Agora que analisamos a personagem e sua adequação ao conceito de herói dentro da obra em que ela está inserida, passaremos para uma análise sobre o objetivo social que ela desenvolve dentro da obra.

3.2 O objetivo social do herói representado por Eneias

Eneias, embora já tenha sido personagem de obras literárias anteriores, como a *Ilíada*, de Homero, ganhou do poeta latino Virgílio a sua própria obra, *Eneida*, ainda que tenha adotado o cunho helenístico predominante durante o império de Augusto (HAUSER, 1972, p. 159), como as características métricas e ideológicas. Muito da obra de Virgílio se assemelha às duas obras homéricas, *A Ilíada* e *Odisseia*, o que indicava a capacidade do autor.

No poema épico latino, o herói troiano é representado como uma importante figura na Roma como um império mais organizado e de grandes fronteiras, pois este foi um império da antiguidade magnificamente organizado, tanto institucionalmente como culturalmente, já que o próprio imperador Augusto ambicionava, ao encomendar a *Eneida*, que conta a história de seu antecessor mítico, reforçar seu lugar como governante através de uma linhagem divina, argumento este usado por monarcas até boa parte do século vinte para justificar seu direito ao trono que ocupavam. Pois podemos considerar como a sociedade humana muito tempo se mostrou subserviente e jamais questionava o merecimento dos governantes pelos tronos que tinham, pois se tratava de diversas sociedades limitadas por questões de crença, como se estivesse desafiando a vontade dos

deuses, sendo este ato passível de todos os tipos de severa punição. “Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema.” (KOTHE, 2006, p. 8)

Essa representatividade reproduzida tanto pela personagem heroica de Eneias, como pelo poema como um todo, é analisada por D’Onofrio (2006), que classifica a *Eneida* como uma “epopeia reflexa”, que é assim entendida tanto porque imitava de várias formas poemas anteriores a este, como também porque o material mítico e lendário é utilizado não ingenuamente, mas com intuito peculiar de, basicamente, restaurar os costumes romanos.

Também podemos afirmar que o herói representado por Eneias está ligado diretamente ao conceito de historicidade, pois a obra toda usa de dados históricos para construir não só a narrativa, mas a motivação do próprio herói, que o movimenta a agir de forma elevada, como herói coletivo. O fato de ter material histórico dentro da obra, com a narrativa da ascensão de Roma, das glórias conquistadas por esta, diferencia a *Eneida* das epopeias homéricas, pois Virgílio aproveita do material épico preexistente, que é basicamente o formato das epopeias herdado dos gregos, porém que se espelha em uma realidade muito diferente da realidade que Homero traz em suas narrativas (D’Onofrio, 2006, p.116). Diferente dele, Virgílio espelha sua narrativa em uma realidade histórica (D’Onofrio, 2006, p. 116), pois ele narra fatos que já aconteceram dentro de uma narrativa passada, mostrando o futuro que aguardava Eneias e seu povo. Ou seja, o autor leva o herói para um caminho repleto de historicidade com um objetivo de exaltar esta mesma história, a romana. Virgílio precisou usar dessa abordagem histórica, não apenas pelo seu intuito de enaltecer a nação romana, mas também porque só desta forma, com fatos, ele poderia enaltecer o imperador Augusto, para quem ele escrevia a obra. Pois foi através destes fatos que ele argumentaria sobre a construção de Roma ser um destino traçado pelos deuses, o que atribuía muito mais glória para história nacional.

Estes elementos históricos estão presentes em dois momentos-chaves da obra, primeiro na jornada que Eneias faz até o submundo, que ocorre no livro VI, onde ele encontra com seu pai que revela o destino grandioso que há de se tornar o do seu povo no futuro, pois ali ele narra toda a fundação de Roma. E também, no livro VIII, quando ele recebe seu escudo feito por Vulcano, deus ferreiro, e nele está desenhada uma grande

parte da história futura de Roma. Tudo isto converge para o conceito de epopeia reflexa, que traz dentro deste poema épico aspectos herdados dos anteriores, mas que implementa fatos históricos na narrativa como elementos indispensáveis para compreender o comportamento e o caráter que só Eneias tem como herói épico.

Sabemos que a humanidade representa os seus heróis em praticamente todas as culturas desde que as formas de armazenar suas memórias se mostraram possíveis, desde a escrita em pergaminhos e tábuas, até desenhos em vasos e armas antigas. Partir deste ponto nos permite ter consciência de que, naquele momento da civilização humana, era de suma importância ter imagens representativas que poderiam manter o povo submisso a seus governantes, mesmo na miséria, mas também tem o potencial de dar esperanças a um povo, de enfrentar uma realidade menos injusta e infeliz, para que pudessem superar os tempos difíceis. Não seria equívoco considerar que, apesar do bom caráter de Eneias, em comparação com os demais heróis homéricos, ele tenha servido como uma forma de propagar a excelência e elevar a autoridade do imperador romano em relação aos seus súditos e até mesmo inimigos. Por mais que se trate de uma obra tão antiga, seus valores ainda estão preservados, embora tal análise a respeito dos elementos constituintes do herói da obra em questão só se tornam profundas e válidas se entendermos, através da própria narrativa e das ações desempenhadas pelo própria personagem, que há posturas e comportamentos que pertenciam exclusivamente a uma época, e que desconsiderar esse fator na análise o desvalida completamente, jogando-o para uma análise simplista e superficial e pouco verdadeira. Isso se aplica tanto às obras de Virgílio quanto às do próprio Homero.

Não se trata de querer exigir de uma obra de 2800 anos atrás uma postura só adotada por obras de um século para cá. Trata-se de entender que a estrutura profunda dessa obra e seu gesto semântico básico implicam um direcionamento político. (KOTHE, 2006, p. 16)

Eneida não mostra que Augusto era um imperador igualmente justo ou que compartilhava de qualidades tão admiráveis quanto Eneias, mas faz crer que, sendo ele descendente de um herói que, além de ser nobre, altivo e conquistador de inúmeras glórias, também era de linhagem divina, está dotado de autoridade irrevogável e inquestionável e possui pleno direito de ocupar o trono de governante.

É possível compreender que, na literatura, o herói épico tem um grande papel, e, no caso de Eneias, isso se materializa dentro da sociedade e da cultura, a importância deste papel continuou presente nas sociedades ocidentais, embora em sua grande maioria, tendo mais presença e relevância no imaginário dos indivíduos. Quase todos se inspiram em algum tipo de herói, e suas mentes geralmente atribuem um certo valor pessoal a estas personagens e ao que cada um deles representa. Se a ideia do herói é um aspecto que se disseminou muito bem através da literatura, e hoje sua importância é sentida de variadas maneiras para os leitores contemporâneos, é fácil perceber que este é sim um aspecto importante que movimenta virtudes que são admiradas por diversas culturas e que são de interesse para todos os leitores de literatura atualmente.

Isto nos ajuda a evidenciar a importância do papel do herói, pois, como já assinalamos um pouco antes, estando quase toda produção literária narrativa movimentada por algum tipo de herói, sua importância cultural e social tem valor inegável para a sociedade ocidental em suas mais diversas localidades.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O HERÓI E A JORNADA DO LEITOR CONTEMPORÂNEO

4.1 Ao que concerne o papel do herói como personagem na perspectiva literária

Podemos buscar a partir da consideração de Eneias como personagem da *Eneida* a importância que o papel de herói exerce dentro e fora das mesmas.

Parafraseando Kothe (2006) podemos dizer que o herói tem sido, desde os momentos iniciais do desenvolvimento da literatura, um grande indicador dos caminhos da própria história humana. Os grandes e primeiros heróis mostraram-se não apenas ícones de admiração, mas de inspiração humana, na vida e na arte, pois o próprio conceito de herói épico significa o sonho do homem de fazer sua própria história (KOTHE, 2006, p. 15).

Estudar o herói ajuda não só a compreender melhor as narrativas em que estão inseridos, mas possibilita uma leitura de natureza reflexiva e sociológica a partir do leitor.

O estudo do herói é um modo estratégico de se estudar a dominante das narrativas, literárias ou não, artísticas e triviais, possibilitando superar a contradição entre a análise formal e análise sociológica, entre a abordagem imanente e a abordagem extrínseca da obra. (KOTHE, 2006, p. 89)

Podemos ponderar, não apenas como leitores da Teoria da Literatura, mas da própria literatura clássica, que nesta estão elementos que são imprescindíveis para o funcionamento do imaginário que desenvolvemos desde o início de nossas vidas e também para nossas perspectivas sobre o mundo em que vivemos. A simbologia que um ou mais heróis carregam, no plano ficcional alimenta inúmeras aspirações e crenças humanas sobre sua própria espécie, que nasceram da própria literatura e se agarraram nas bases da arte e da cultura, manifestando-se até mesmo na indústria cultural. O funcionamento dessa simbologia está tão presente dentro de nossa cultura ocidental que, sequer por um momento, paramos para pensar de onde vem isto ou por que razão se manteve.

Tendo visto que estudamos o herói a partir de uma personagem épica, ou seja, praticamente em uma das suas primeiras aparições no contexto literário ocidental, evidenciamos mais um processo que era, essencialmente, um dos maiores objetivos do

gênero épico e privilégio exclusivo dos poetas épicos, que é o processo de esclarecimento e de tornar tudo que está dentro da narrativa, vivo. Proporcionando não apenas uma maior visão da história, mas dos estados de alma que podem ser representados de forma imagética pelo autor (STAIGER, 1975, p. 83).

Este procedimento torna-se tão importante justamente por encaminhar o leitor aos aspectos que o autor queria ressaltar através da sua personagem, assim como Virgílio fez com Eneias, tornando-o um herói não apenas pelos seus feitos, mas também pela forma como ele conseguiu descrevê-los e transmiti-los até os leitores. É este acontecimento interno na consciência do sujeito leitor que o fará assimilar os conceitos representados pela personagem, levando-o, quase sempre, a vislumbrar um patamar que ele sonhe alcançar ou, ao menos, contemplar e admirar. É este ciclo que reforça os aspectos do herói, os torna tão caros e estimados pelos leitores e que se mostrou tão virtuoso, transitando entre as barreiras literárias e reais, reforçando mais e mais as qualidades que inspiram as pessoas a alcançar uma elevação existencial que apenas a literatura pode apresentar de forma despretensiosa e bela ao mesmo tempo. Isso não só é planejado, como é bem estudado pela Teoria da Literatura, pois Todorov (2009, p. 78-79) afirma que o próprio escritor propõe ao leitor a possibilidade de formular teses como também de viver experiências singulares a partir da própria leitura.

Na obra de Virgílio, eleva-se o caráter de Eneias pela forma como ele detinha um comportamento digno perante seus semelhantes e suas crenças, estando ele livre para agir da forma que quisesse, assim como os demais heróis épicos, sempre optou pelas escolhas que lhes eram apresentadas como mais nobres e adequadas, e isso foi o que o apresentou como um homem de altas qualidades.

Até mesmo os heróis estão à mercê de muitas convenções sociais, sendo eles de ascendência divina ou não, e uma vez que isso se transmite de forma clara e assertiva no decorrer da obra, com a personagem agindo de forma altruísta, respeitando a vontade dos deuses e mostrando uma reverência a estes que ocupam uma posição acima da sua no mundo, seu papel não apenas serve como um exemplo admirável, mas também desenvolve um potencial de disseminação de como a conjuntura em que o autor estava inserido define como deve agir um herói. Ou seja, os elementos estilísticos presentes na

obra são definidos pelo funcionamento social ou construídos em detrimento deste, reforçando o processo de representação da vida humana na obra literária.

No quesito da forma de agir socialmente, dos heróis épicos ele é o que mais se assemelha ao herói contemporâneo, pois ele atribui a si uma obrigação política e moral para com aqueles a sua volta, responsabilidade que os heróis homéricos renegam, pois nada está mais afastado de Aquiles e Ulisses do que uma guerra ideológica ou qualquer obrigação que vá contra sua vontade. Ele pode até agir de forma honrada ou de acordo com as respectivas obrigações que um governante/líder teria, mas o faz meramente porque lhe agrada, apenas por isso. Não é o bem, mas um bem que o orienta em suas ações (STAIGER, 1975, p. 105).

4.2 O que a literatura tenta nos dizer?

Conforme nós entramos mais profundamente no mundo da literatura, nos deparamos com suas fontes inesgotáveis de heróis, de companheiros e de inspiração, tudo isso praticamente infundável. Estão os heróis presentes em todas as culturas, e eles são necessários para sua construção, para seu funcionamento interno, têm um papel importante no processo de desenvolvimento da cultura e da sociedade.

O herói que trazemos aqui é fruto da literatura, e ela tem o poder de nos fazer sonhar, de nos fazer tremer de inquietude e até de nos desesperar (TODOROV, 2009, p. 75).

Se a própria literatura tem o poder de estender a mão quando estamos deprimidos (TODOROV, 2009, p. 76), o que se dirá dos heróis que nela se apresentam e que, na perspectiva moderna, trazem a esperança e a força de lutar contra tudo que a maioria de nós crê ser impossível de enfrentar? A literatura nos aproxima de nossos semelhantes ainda mais e nos aguça mais a compreensão do mundo em que vivemos e que tão frequentemente nos faz sentir insignificantes.

É nas palavras de Todorov que conseguimos compreender a importância da literatura como pilar essencial da cultura ocidental, um pilar tão sólido e bem formado que contribuirá para a formação pessoal enquanto a mesma existir. Onde buscaríamos mudanças tão drásticas, determinações tão firmes e obstinação tão assertiva em tomar

atitudes que podem alterar a vida humana senão nos heróis que encontramos presentes nas obras que dezenas de milhares de pessoas leem todos os dias? Podemos dizer com grande propriedade que o herói é um dos elementos literários que exerce mais poder nos leitores contemporâneos, pois são suas atitudes e sua força que mostram que moldamos nossa personalidade desde os primeiros anos e conseguimos compreender um pouco mais do mundo a nossa volta.

Considerando a literatura como detentora do poder de nos transformar com seus textos, de dentro para fora (TODOROV, 2009, p. 76), quão mais forte é essa transformação, ou mais direta, quando nos deparamos com os heróis épicos, elementos seculares de admiração e que inspiraram tanto, sobretudo o início, da vida humana moderna? Vemos neles pessoas que aspiramos ser, desde jovens, e ainda velhos admiramos sua força. Nos espelhamos em suas ações e nos princípios que defendem, e assim ficamos mais perto de entender quem e como somos. A literatura não nos entrega o conhecimento pronto, ela nos estimula, a partir dos elementos narrativos e da totalidade em que se incluem, a obra literária, a questionar por que admiramos certas coisas e odiamos outras. Por mais que isso possa parecer trivial, é tão natural ao funcionamento social que existam coisas que nos agradam e outras que nós detestamos, que, muitas vezes, deixamos estas emoções cegarem facilmente nosso entendimento, impedindo-nos de ver a existência de caminhos que guiam até explicações que a maioria das pessoas não consegue ver, e só começa a perceber após estabelecerem algum tipo de contato com a literatura.

Todorov anuncia a literatura como o pensamento e conhecimento psíquico e social do mundo em que vivemos, nela se concretizam enfrentamentos humanos externos e internos que atravessaram séculos. Quem melhor para representar estes processos de enfrentamento do que a imagem de um herói, aquele que, apesar dos obstáculos, sempre triunfa sobre as adversidades, que busca a salvação, a esperança e que assume um risco que a maioria de nós jamais pensaria em assumir: o de arriscar sua vida em prol de seus iguais, de um futuro mais próspero e de um mundo com menos injustiças e misérias?

O conhecimento que a literatura nos proporciona vai além das emoções simples, da satisfação, e carrega consigo a capacidade de causar a catarse, conceito que Aristóteles discute na *Poética*. A catarse é provocada pela recepção da obra, que provoca emoções

que muitas vezes não sabemos denominar e reflexões introspectivas, que têm o potencial de desencadear, no leitor ou no espectador, o autoconhecimento e a transformação. É um processo identificado por Aristóteles nas tragédias gregas, mas que passou a ser aplicado a outras formas artísticas.

É através da literatura que temos mais chance de ver as verdades mais desagradáveis (TODOROV, 2009, p. 80), e são os heróis que lutam contra elas e contra aqueles que as conduzem ou compactuam com as mesmas. E mesmo que a literatura se distancie da nossa realidade, quanto menos os personagens que estão nela se parecem conosco, mais expansivo se torna o nosso horizonte (TODOROV, 2009, p. 81).

No campo da literatura, em especial da clássica, que é a que estamos tratando através da *Eneida*, distinguimos o mundo mais facilmente, pois lá ele se materializa e se esclarece por si mesmo. A narrativa carrega esse potencial mais acessível de compreensão, mesmos das coisas mais difíceis de se compreender. Quando terminamos de ler alguma obra, conseguimos ver o universo representado em sua totalidade, com sua lógica e com as informações que devemos saber e que só o escritor pôde nos passar. Este universo, com sua lógica e as respostas que eles nos dão estão presentes ali porque ele mesmo busca se explicar. Isso torna as coisas que mais temos entender, que mais pensamos estar longe de compreender, mais lúdicas, de certa forma, porque aquele mundo nos causa uma grande impressão de entendimento do funcionamento do mesmo, pois ali tudo se explica, as razões que fazem os heróis agirem de forma heroica e os vilões agirem de forma negativa. Em suma, a vida dos personagens literários fica completamente visível e acessível para nós, leitores, diferentemente do que se passa em nossas vidas, invisíveis, na sua totalidade, para nossos semelhantes, que sabem apenas aquilo que queremos ou conseguimos mostrar.

Ainda que o foco deste trabalho seja a poesia épica, recorremos a um comentário de Forster (1969, p 48) sobre os efeitos da leitura do romance: “[...] Eis por que os romances, mesmo quando são sobre pessoas perversas, podem nos consolar; sugerem uma raça humana mais compreensível e, conseqüentemente, mais dócil, nos dão a ilusão de perspicácia e poder.” Essa declaração pode perfeitamente ser ampliada para as demais formas de narrativa, incluindo a épica, seus personagens e heróis movidos pelos mais diferentes sentimentos.

Essa contribuição da literatura na busca por autoconhecimento, interpretação e entendimento do mundo em que vivemos é justamente algo que só ela traz através da linguagem verbal de forma rica e especial, e se os heróis hoje habitam outros meios de propagação cultural, como HQs, filmes, séries, desenhos, todos devem esse crédito a ela, ainda que estejam longe de fazer o trabalho integral que os heróis na literatura podem fazer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fora estudado nesta pesquisa o conceito de herói, bem como seu funcionamento nos contextos aqui abordados, principalmente a sociedade romana em que foi escrito e a contemporaneidade. Como este conceito se construiu e como foi inserido no campo da literatura. Analisamos especialmente o herói épico dentro da *Eneida* de Virgílio, em busca de ressaltar os aspectos que tornam Eneias um modelo de herói épico e até mesmo desta ideia em geral, já que muito dos seus aspectos estão preservados na literatura contemporânea. Também contemplamos como o elemento do herói épico se faz importante para ideia que temos de herói contemporâneo, estando ele não restrito ao campo da literatura, e também como sua importância está presente em quase todas as culturas, sendo fatores de referência na arte e na história humana, que proporcionam desencadear importantes reflexões nos leitores contemporâneos, que os mostram parte da sua própria história e dos valores que tanto admiram e estimam.

Finalizamos esta pesquisa reafirmando a percepção de que o conceito de herói tem uma longa presença na construção social, cultural e imaginária da humanidade, as poesias épicas evidenciam isto melhor do que qualquer outra forma literária. É nos heróis que os leitores podem contemplar a natureza humana. Através da sua força e determinação, conseguimos ver esperança em momentos de vulnerabilidade, podemos resistir em momentos que a nossa força ainda não consegue se sobrepor aos desafios cotidianos que enfrentamos.

Especialmente na ficção, sintetizamos as essências das personagens, as assimilamos como seres humanos, ainda que restritos ao mundo literário tão distantes, especialmente devido ao tempo em que foram escritos, e conseguimos compará-las, mesmo que de forma sutil, aos acontecimentos humanos contemporâneos. O leitor cresce e acaba por provar as dores que os heróis provam em sua jornada. As perdas do pai, da esposa, dos aliados vivenciadas por Eneias mostram-se mais cedo ou mais tarde na vida humana. O que os heróis possibilitam é revelar que, mesmo através da dor e do sofrimento, há um caminho à frente, há razões para prosseguir. A leitura de obras que tratam sobre os heróis, sejam eles épicos ou não, clássicos ou atuais, permite-nos perceber que parte do funcionamento natural da nossa sociedade tem alguma relação com aspectos

que eles nos trazem. Os heróis estão no imaginário de toda a sociedade, eles vivem em nossas palavras e em nossas mentes, às vezes ecoando, às vezes gritando.

Conseguimos perceber, através da análise da personagem Eneias e de toda bibliografia que foi usada até aqui, que parte dos processos que formam o herói épico ainda estão presentes na vida humana geral, com as perdas, a elevação através das dificuldades que aparecem na jornada de cada um, o que os faz nascer, o que os mantém como bons, e nada disso é diferente do que passamos durante nosso processo de vida humana. Vê-los materializados no papel nos ajuda aos poucos a entender esse funcionamento que está diretamente ligado com o mundo real, quando percebemos isso, estamos a um passo do processo catártico que já citamos. Conseguir alcançar essa catarse, por mais difícil que possa parecer, vem não apenas do processo de leitura e compreensão do herói literário, mas da compreensão do funcionamento da vida do próprio leitor, e esse estado em geral só conseguimos alcançar com estes dois processos desenvolvidos conjuntamente.

Quando a leitura de obras épicas e clássicas como essa nos proporcionam a catarse é que compreendemos que os autores, independente de suas origens, encontraram formas de combater as misérias da vida humana, de proporcionar esperança e força para combater toda e qualquer dificuldade. A catarse está ligada diretamente ao reconhecimento de vários aspectos da condição humana, embora não se trate de reconhecer de forma simples, mas sim de forma mais sublime e complexa, que é a proposta pela literatura épica, mostrando, através das adversidades enfrentadas pelo herói, a semelhança que a jornada deste pode ter com aspectos mais comuns da vida humana, que também proporciona reflexões a respeito da conjuntura social em que a obra está inserida e também sobre o funcionamento social próximo ao próprio leitor.

Esse reconhecimento é efeito do processo de catarse, um conceito aristotélico que possibilita que, através dos heróis, possamos compreender a responsabilidade que cada sujeito tem sobre suas ações, e as consequências a que cada uma delas leva. Talvez não a glória ou a fama, que são elementos comuns às epopeias, mas a um entendimento maior de nós mesmos, o que irá nos ajudar a lidar com praticamente todos os empecilhos da vida humana. Pode ser que não de forma exata, como uma chave que abre uma porta, mas como um caminho que se abre num beco até então sem saída. Nossas vitórias podem ser

diferentes, nossas penúrias podem ser mais dolorosas, no entanto, ver como os heróis conseguem triunfar sobre situações quase impossíveis de solucionar nos traz não apenas esperança de alcançar algo em nós que ainda não conseguimos, mas a convicção de que sempre há uma resposta, uma saída ou uma explicação que nos ajudará a lidar com determinado obstáculo, mesmo que pareça intransponível.

É por isto que devemos olhar tão atentamente para os heróis, pois eles podem nos inspirar e fazer reunir forças para acreditar e materializar um mundo melhor do que aquele em que vivemos, e é através deste processo que conseguimos desenvolver nossa própria elevação pessoal. Conseguimos perceber um mundo com mais explicações, com mais respostas, um mundo com mais a nos dizer do que poderíamos cogitar imaginar.

Os heróis épicos são tão significativos para literatura em geral, sobretudo Eneias, porque eles são parte da base que construiu boa parte do que entendemos por heróis, pois este conceito tem-se mostrado um elemento literário tão estimado para os leitores, que agora está em todo canto da cultura ocidental, em todo tipo de mídia, em todo tipo de entretenimento, ele foi herdado há gerações, juntamente com seus conceitos formadores, pois neles há muitos valores sociais, psicológicos, emocionais e culturais a serem estudados. A reutilização dos heróis e dos valores e conceitos que os compõem estão inseridos na literatura clássica que sempre é reutilizada, como explica Bloom (2010, p. 23): “A grande literatura é sempre reescrever ou revisar, e baseia-se numa leitura que abre espaço para o eu, ou que atua de tal modo que reabre velhas obras...”.

O herói épico nos proporciona tanto, sobretudo na contemporaneidade, pois eles oferecem algo que é necessário para compreender um pouco do tudo e de si mesmo. Para isso, o épico mostra-se tão bom de retratar, pois é memória através da arte literária. “A memória é sempre uma arte, mesmo quando atua involuntariamente. [...] Agora o partido da Memória é o partido da Esperança, embora a esperança tenha diminuído.” (Bloom, 2010, p. 29). E, tratando-se de esperança, que aspecto melhor para representá-la do que o herói, que é por muitos considerado a personificação da esperança, da vontade de acreditar que há chance de triunfo, mesmo nos momentos mais sombrios.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELES. **A poética**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Et. Al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora Alhambra, 1987.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental - Autores e obras fundamentais**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Editora Globo S. A., 1969.
- HAUSER, Arnold. **História social da Literatura e da Arte – Tomo 1**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980.
- HAUSER, Arnold. **História social da Literatura e da Arte – Tomo 2**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.
- KOTHE, Flávio. R. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- MIRANDA, Allana Dilene de Araújo de. Et. Al. **A DIVINIZAÇÃO DO POVO ROMANO NA ENEIDA**. UFPB – X ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documentos/anais/2.CULTURA/2CC_HLADLCVMT01.pdf>. Acesso em: 27 de jan. de 2023.
- SOUZA, Laert Ribeiro de. **A ENEIDA, DE VIRGÍLIO**. UERJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/viewFile/7964/5745>>. Acesso em: 27 de jan. de 2023.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1975.
- TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. São Paulo: Editora 34, 2016.